

Inclusão e diversidade na educação: a pedagogia queer como práxis para enfrentamento do bullying escolar

INCLUSION AND DIVERSITY IN EDUCATION: QUEER PEDAGOGY AS A PRAXIS FOR ADDRESSING SCHOOL BULLYING

Érico Luciano Pagotto

Fatec Professor Francisco de Moura, Jacareí, SP

E-mail: erico.pagotto@cps.sp.gov.br

ORCID 0000-0002-2348-623X

Wellington Henrique dos Santos

IFSP – Instituto Federal de São Paulo.

Campus São José dos Campos, SP.

E-mail: tomsantos088@gmail.com

ORCID 0009-0009-8835-7429

Palavras-chave: Gênero; Teoria *Queer*; Decolonialidade; Violência Escolar.

Introdução

Diversas pesquisas relatam que jovens LGBTQIAPN+ são mais suscetíveis ao adoecimento psíquico, à violência escolar, pensamentos suicidas e abuso de substâncias do que a população heterossexual na mesma faixa etária (Johnson et al., 2013, Hatzenbuehler, 2010), inclusive no Brasil (Souza, Junqueira e Reis, 2020). As principais causas, segundo Meyer (2003) são a falta de aceitação familiar e o bullying escolar. Pesquisa da APEOESP relata que metade dos alunos de escolas estaduais de São Paulo já soube de casos de estudantes vítimas de discriminação por sua condição de homossexual, negro, nordestino ou pobre. De acordo com a pesquisa, 37% do corpo docente relatou ter sofrido algum tipo de discriminação por estes mesmos motivos (Nemi Neto, 2015).

A experiência internacional mostra que para mudar este cenário são necessárias políticas públicas específicas que passam pelo ambiente escolar, mas não se encerram nele (Hansen, 2011). Neste contexto, alguns autores defendem uma nova Pedagogia *Queer* (Britzman, 2016; Dinis, 2013), enquanto outros propõem uma transformação nos currículos, um currículo *Queer* (Souza, Junqueira e Reis, 2020; Zerbinati e Bruns, 2017) e outros vão além e pensam

o *Queer* não como um conceito que se possa circunscrever, mas como um conjunto de saberes aliados a uma disposição política para o questionamento (Louro, 2012).

Assim, a questão que esta pesquisa traz é: de que maneira a Pedagogia *Queer* pode contribuir para o enfrentamento ao *bullying* escolar, e à educação inclusiva, igualdade de gênero e redução das desigualdades?

O objetivo geral foi analisar, por meio de revisão bibliográfica, as possíveis contribuições da Pedagogia *Queer* no âmbito educacional. Os objetivos específicos foram compreender os fundamentos teóricos da Pedagogia *Queer* e suas implicações para o campo educacional; analisar produções acadêmicas que discutem a intersecção entre Pedagogia *Queer* e políticas educacionais inclusivas e refletir sobre práticas pedagógicas que incorporem a perspectiva *Queer* como estratégia de enfrentamento às desigualdades de gênero e sexualidade.

Metodologia

O método de abordagem desta pesquisa é de natureza qualitativa, baseado em procedimentos de pesquisa bibliográfica exploratória. As bases utilizadas foram Scielo, Google Acadêmico e Periódicos CAPES, limitadas às publicações nos idiomas inglês, português e espanhol no período de 2000 a 2026. De acordo com Paré et al. (2015) a revisão exploratória parte de perguntas amplas, geralmente relacionadas a tendências e ao estado geral de um campo. Outras metodologias de revisão bibliográfica, como as revisões sistemáticas, exigem questões estreitas e bem delimitadas, que possam ser respondidas pela extração e agregação de evidências específicas. No caso da presente pesquisa, buscou-se apenas mapear a extensão, natureza e alcance da literatura disponível sobre o tema, sem a pretensão de dar respostas definitivas.

O critério para inclusão de artigos na análise foi baseado na relevância para a pesquisa e na qualidade das fontes, ou seja, referências acadêmicas revisadas por pares e com acesso gratuito. A relevância foi aferida pela ocorrência de expressões-chave (“pedagogia queer” e “*bullying*”), seguida pela leitura inicial dos resumos e, no caso dos resumos identificados como relevantes (ou seja, relacionados ao tema da pesquisa), procedeu-se à leitura dos artigos na íntegra. Foram descartados resumos de publicações, livros cujos conteúdos não estavam integralmente disponíveis e pesquisas onde os termos de busca eram apenas citados, mas não discutidos. Ao final do processo 72 artigos foram examinados na íntegra.

A leitura dos trabalhos permitiu identificar temas recorrentes que atravessam a produção acadêmica sobre a Pedagogia *Queer*. A partir dessas recorrências, os estudos foram agrupados em eixos de discussão relacionados aos fundamentos teóricos da perspectiva *queer*, às suas articulações com as políticas educacionais inclusivas e às possibilidades de sua aplicação no cotidiano escolar. A interpretação do material buscou compreender como diferentes autores têm discutido a relação entre diversidade, currículo, formação docente e enfrentamento do *bullying*, destacando aproximações e tensões presentes nesse campo de investigação.

A pesquisa se justifica uma vez que ao longo dos séculos, os homens tiveram um *status* privilegiado vida política, social e econômica do Estado. As experiências de crianças e jovens

tendem a ser dramaticamente diferentes de acordo com os papéis de gênero que a sociedade lhes atribui e reafirma ser aceitável ou não, impondo seu lugar na sociedade e quanto valem seu suor e suas vidas – sobretudo quando as diferenças biológicas não são suficientes para explicar as configurações sociais do mundo do trabalho, da família, da política, entre outras (Giannini, 2019).

Nesse cenário, a escola é vista como um espaço estratégico para a promoção de transformações sociais. Contudo, ainda é comum a reprodução de padrões heteronormativos e cisnormativos que marginalizam identidades e expressões de gênero dissidentes. De acordo com Cesar (2008), a escola se instalou na história institucional como um lugar de exclusão por ser uma instituição para a produção e reprodução da norma, já produzindo uma educação sexual normalizadora, higienista e eugenista. A Pedagogia *Queer*, ao propor uma ruptura com modelos binários e normativos, oferece ferramentas críticas para uma educação verdadeiramente inclusiva e democrática.

Resultados e discussão

A chamada “Teoria *Queer*” pode ser pensada mais como uma matriz filosófica e epistemológica que como uma teoria única, propriamente. Ela nasce no campo dos estudos feministas na década de 1960, recebe contribuições do pensamento desconstrutivista de Derrida, dos escritos de Foucault sobre a sexualidade como dispositivo do saber-poder e da teoria da performatividade de gênero de Judith Butler, até se configurar como campo de pesquisa e como método de análise a partir da década de 1990. No Brasil, de acordo com Benetti (2013), autores como Denilson Lopes, Peter Fry, João Silvério Trevisan, Tânia Navarro Swain, Mário César Lugarinho, Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro foram pioneiros nesta linha de pesquisa.

No campo da Educação, a Teoria *Queer* se refere a um marco epistemológico e a um conjunto de estratégias pedagógicas voltadas a analisar e compreender os sujeitos que não se ajustam à heterocisnormatividade e, por um viés crítico:

as práticas educativas que perpetuam a disciplinarização dos corpos, a normatização e o controle das pessoas, especialmente quanto à orientação sexual, identidade, expressão de gênero, raça, idade etnia, classe social, diversidade funcional e neurodiversidade, ou seja, de todos os corpos não normativos (Vasquez, 2021, p. 2).

Para Britzman (2016), a contribuição da Teoria *Queer* está em romper binarismos de tal forma que a relação entre conhecimento e ignorância possa ser vista não como oposição, mas psicanaliticamente como estruturas que propõem formas de conhecer e ignorar. Ou, melhor dizendo, como as estruturas atuais de conhecimento, que Butler (2018 [1987]) chamou de “matriz heterossexual”), contribuem para naturalizar a heterossexualidade e produzir homofobia, como a educação e o currículo atual veem a diferença como anormalidade e acabam por produzir violência, exclusão, medicalização, criminalização e apagamento.

Desta forma, a Teoria *Queer* permite examinar as condições sócio-históricas que produzem a normalidade do “sujeito apropriado” (Britzman, 2016, p. 21), ao mesmo tempo em que

possibilita analisar contextos educativos que criam oposições entre os normais e os transgressivos. De acordo com a autora, um projeto pedagógico *queer* pode ir além da mera reprodução de identidades e produzir formas de reconhecimento das diferenças e alteridades. Para Silva Jr (2015), *queer* é uma forma de pensar e interpretar o mundo – que pode ser estendido para a educação, suas instituições, seus discursos, normas e metodologias.

Bryson e de Castell (1993 apud Vasquez, 2021, p. 9) definiram Pedagogia *Queer* como “uma forma radical de práxis educativa, implementada deliberadamente para interferir na produção da normalidade de sujeitos escolarizados”. Para Raniery e Sousa (2023, p. 5), a Pedagogia *Queer* é “uma modalidade de educação afetiva que faz tremer o domínio da subjetividade e contempla esteticamente a existência sem limitá-la a noções de belo, gosto e sublime”.

Para Britzman (2016), a Pedagogia *Queer* busca superar oposições binárias, como tolerante e tolerado, oprimido e opressor e assim compreender como as dinâmicas de subalternização são produzidas e reproduzidas ao longo do tempo no âmbito escolar para que se possa operar sua superação. Tal superação, para a autora, começa a partir do interesse ético por explorar aquilo que não se suporta saber, pela possibilidade de ruptura com os padrões dos grupos sociais dominantes. Para Louro (2008), inclusive, a ideia de “tolerância” não é adequada, pois embute a ideia de assimetria, condescendência, permissão, indulgência — atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior. Vasquez (2021) acrescenta que faz parte da Pedagogia *Queer* o questionamento de práticas racistas, sexistas e classistas em todos os âmbitos sociais, sendo, portanto, uma prática docente crítica, ética e política para a formação de espaços livres e solidários, úteis sobretudo para prevenir o *bullying* escolar relacionado a práticas homofóbicas, transfóbicas e contrárias à igualdade de gênero.

Pedagogia *Queer* e políticas educacionais inclusivas

Alba (2009) critica que a função da educação tem sido de “fazedora de normais e anormais” e que currículos e práticas pedagógicas têm servido para a reprodução de normas. Como pontua Louro (2007):

É intolerável conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque seu modo de ser homem ou de ser mulher, suas formas de expressar seus desejos e prazeres não correspondem àquelas nomeadas como “normais” (Louro, 2007, p. 201).

Dentre os desafios que ainda persistem nas escolas brasileiras e que podem encontrar respostas na Pedagogia *Queer*, Dias e Menezes (2017) elencam: proibição do uso do banheiro por travestis e pessoas transsexuais; produção de práticas educativas que educam meninos e meninas para a anulação do corpo; distanciamento entre este e a mente; padronização de masculinidades e feminilidades; situações diárias que desprezam as experiências e inter-relações de estudantes e docentes. Ruiz (2021) cita ainda os famosos “espantalhos” da extrema direita: a chamada “ideologia de gênero” (termo utilizado por grupos contrários ao avanço das pautas relacionadas aos direitos reprodutivos) e o “kit gay”.

Vasquez (2021) explica que a Pedagogia *Queer* questiona os parâmetros da normalidade e homogeneidade da escola, buscando compreender os indivíduos que não se sujeitam ao padrão heterocisnormativo. Para esta autora, a Pedagogia *Queer* se propõe como uma alternativa para melhorar as relações escolares, a formação docente e os desenhos curriculares. Neste sentido, encontra-se alinhada a outras matrizes epistemológicas críticas, como a decolonial, a feminista, entre outras.

Nemi Neto (2015) afirma que a Pedagogia *Queer* não busca o modo correto ou as perguntas certas, mas sim a possibilidade de questionar práticas e as noções de normalidade e aceitação. Silva Jr (2015, p. 51) aponta que “contra a pedagogia do insulto, somente a lucidez profissional” para rechaçar violências e exclusão.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUEER

Pesquisas indicam que Pedagogia *Queer* está presente nas ciências da saúde, na literatura, no ensino de idiomas, nas artes visuais, na pedagogia e na cultura visual. De acordo com Cesar (2008), pesquisas no campo da Pedagogia *Queer* trazem discussões sobre os limites das possibilidades de conhecer e o quanto cada sujeito ou grupo suporta (des)conhecer, demonstrando que o sexo, o corpo e o próprio gênero são construções culturais, linguísticas e institucionais, geradas no interior de relações de saber-poder-prazer, e sobretudo determinadas pelos limites do pensamento ocidental moderno.

Nemi Neto (2015) explica que um olhar *queer* para a prática pedagógica busca as variadas possibilidades de expressão da sexualidade sem rótulos ou identidades fixas, mas capaz de fazer reconhecê-las ou se reconhecer nelas. Ruiz (2021) discute uma estratégia programática para implantação da Pedagogia *Queer* baseada em três etapas: adequação do material didático, transparência com a comunidade escolar sobre os objetivos a serem alcançados e diálogo para capacitar o corpo docente a atravessar temas considerados sensíveis.

Com base no que foi exposto, pode-se compreender que a Pedagogia *Queer* pretende atuar sobre os currículos oficiais, as instituições escolares, a formação docente, as estratégias, métodos e práticas educativas e sobre a política e a legislação constituintes da Educação.

Sobre a questão dos currículos, Louro (2004) pontua que:

Não se trata, propriamente, de incorporar ao currículo (já superpovoado) outro sujeito (o *Queer*), mas sim, mais apropriadamente, de pôr em questão a ideia de que se disponha de um corpo de conhecimento mais ou menos seguro que deva ser transmitido, bem como pôr em questão a forma usual de conceber a relação professor-estudante-texto (texto aqui tomado de forma ampliada); trata-se ainda, e fundamentalmente, de questionar sobre as condições que permitem (ou que impedem) o conhecimento, (...) há limites para o conhecimento: nessa perspectiva, parece importante indagar o que ou quanto um dado grupo suporta conhecer (Louro, 2004, p. 65).

Este ponto trazido por Louro (2004) é fundamental para se pensar uma crítica desconstrutiva à educação dominante, que apresenta a heterossexualidade como hegemôni-

ca e compulsória, permitindo o estranhamento, o processo de contestar e questionar significados contidos nas representações normativas sobretudo com relação ao corpo, à identidade, às questões de gênero e de orientação sexual – que são elementos centrais no *bullying* escolar

Objetivamente, Vasquez (2021) propõe que a Pedagogia *Queer* opere como estratégia de pensamento, crítica e provocadora, capaz de suscitar questões que subvertam a ordem do que se ensina nas escolas. Para a autora, isto pode se dar tanto pela incorporação de novas leituras em sala de aula, sobretudo de textos deliberadamente excluídos, como pela inclusão de temas estigmatizados quanto às questões de gênero e sexualidade pelos docentes.

Especificamente, no que se refere à formação de professores, Cesar (2008) explica que para se trabalhar com questões relacionadas à diversidade em sala de aula pressupõe-se disposição por parte de professoras e professores. Mais: que estes docentes desejem e sejam capazes de produzir uma autonomia para a liberdade por meio da educação sexual.

Quanto às estratégias, métodos e práticas, essa incorporação pode se dar por meio da revisão dos currículos, atividades educativas como aulas, palestras, atividades práticas, projetos formativos para docentes com foco em gênero e diversidade, cineclubes, eventos, além da produção de materiais didáticos que incorporem uma perspectiva *queer*, dentre outras, mencionadas por Dias e Menezes (2017). Além disso, Vasquez (2021) aponta a importância de docentes poderem assumir suas expressões de gênero e orientações sexuais como forma de enfrentamento à violência cotidiana nos espaços sociais.

Com relação às práticas, há diversos relatos na literatura de experiências bem-sucedidas. Na disciplina de História, Zimkovicz (2023) cita uma prática que combina visita a galeria de artes, análise crítica de documentos históricos e produção de releituras de obras visuais que denunciam ou subvertem os padrões hegemônicos de representação da sociedade brasileira. Em Biologia, Beltrão (2022) traz orientações pedagógicas sobre como trabalhar questões relacionadas às práticas sexuais em sala de aula, superando a visão tradicional de relacioná-las apenas à reprodução humana e relacionando-as também a aspectos afetivos e de identidade com vistas à inclusão das diferenças.

Tais exemplos evidenciam que a Pedagogia *Queer* não se restringe à discussão teórica sobre gênero e sexualidade, mas pode ser incorporada de forma transversal às diferentes áreas do conhecimento. As experiências relatadas demonstram que estratégias pedagógicas voltadas ao reconhecimento das diferenças favorecem a construção de ambientes mais inclusivos, fortalecem o respeito à diversidade e contribuem para a prevenção de práticas discriminatórias associadas ao *bullying* escolar.

Quanto aos aspectos políticos e legislativos, vale lembrar que a própria BNCC estabelece a equidade em seu pacto interfederativo como uma competência:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, *sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/ necessidade, convicção*

religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer (Brasil, 2018, grifo nosso).

Por fim, com relação aos aspectos institucionais, Bento (2011, p. 556) reforça que as questões de que se fala aqui não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que o trabalho a ser feito no âmbito pedagógico pode encontrar um terreno fértil à disseminação extramuros.

Conclusão

Este estudo identificou que a Pedagogia *Queer* oferece contribuições relevantes para o enfrentamento do *bullying* escolar ao questionar os mecanismos sociais, culturais e institucionais que sustentam a heterocisnormatividade e produzem processos de exclusão no ambiente educacional. Ao deslocar o foco da adaptação dos sujeitos às normas para a problematização das próprias normas, essa perspectiva amplia as possibilidades de construção de práticas educativas comprometidas com a valorização das diferenças, a promoção da equidade e o reconhecimento da diversidade de identidades na escola.

A literatura analisada indica que tais contribuições se materializam especialmente por meio da revisão crítica dos currículos, da formação docente voltada às questões de gênero e sexualidade, da incorporação de estratégias pedagógicas inclusivas e da criação de espaços de diálogo capazes de enfrentar preconceitos e violências cotidianas. Nesse sentido, a Pedagogia *Queer* apresenta-se como uma práxis educativa crítica, ética e política, alinhada aos princípios de respeito à diversidade e de combate às desigualdades presentes nas diretrizes educacionais brasileiras, como, por exemplo, a BNCC. Mais do que propor novos conteúdos, sua contribuição reside na problematização dos processos de normalização que historicamente têm orientado as práticas escolares.

Ao mesmo tempo, os estudos analisados indicam que a incorporação da perspectiva *queer* nos espaços escolares permanece marcada por desafios relacionados à formação docente, às disputas em torno das políticas educacionais e às resistências presentes em diferentes setores da sociedade. Tais aspectos demonstram que a construção de práticas educativas comprometidas com a diversidade exige um esforço contínuo de reflexão e de enfrentamento das formas de exclusão ainda presentes no cotidiano escolar.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica exploratória, os resultados apresentados aqui não permitem avaliar empiricamente a efetividade das intervenções inspiradas na Pedagogia *Queer* em contextos educacionais específicos. Desse modo, recomenda-se que pesquisas futuras investiguem experiências concretas de implementação dessa perspectiva em diferentes níveis e modalidades de ensino, bem como seus impactos na prevenção do *bullying*, na formação docente e na promoção de ambientes escolares mais inclusivos. Tais investigações poderão ampliar a compreensão sobre os limites, potencialidades e desafios da Pedagogia *Queer* como instrumento de transformação educacional e social.

Por fim, cabe destacar que a adoção da Pedagogia *Queer* como campo de reflexão e prática não se restringe à esfera escolar, mas reverbera em políticas públicas, práticas comunitárias e movimentos sociais. Sua inserção no debate educacional brasileiro pode contribuir para a consolidação de uma agenda progressista que se articule com os compromissos internacionais assumidos pelo país e que enfrente os retrocessos associados a discursos conservadores para o fortalecimento da cidadania e para o avanço em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Bibliografia

- ALBA, A. La Educación - con mayúscula - Entre los procesos de normalización y la anormalidad. Una reflexión a partir de la obra de Michel Foucault [Ponencia]. Consejo Mexicano de Investigación Educativa A.C. **X Congreso Nacional de Investigación Educativa**, Veracruz, México. 2009.
- BENETTI, F. J. **A bicha louca está fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil entre 1980 e 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso 19 mai 2025.
- BRITZMAN, D. ¿Hay una pedagogía Queer? O, no leas tan recto. **Revista de Educación** ano 7, no. 9, 2016.
- BRYSON, M.; CASTELL, S. Queer pedagogy: Praxis makes im/perfect. **Canadian Journal of Education**, vol. 18, no.2, 285-305. 1993.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.
- CESAR, M. R. A. Quatro intervenções para uma pedagogia Queer. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, v. 31, p. 1-13, 2008.
- DIAS, A. F.; MENEZES, C. A. A. Que inovação pedagógica a pedagogia Queer propõe ao currículo escolar? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 10, n. 23, p. 37-48, 2017. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/revtee/article/view/7443>. Acesso em: 17 maio. 2025.
- DINIS, N. F. Por uma Pedagogia Queer. **Itinerarius reflectionis**, v. 9, n. 2, 2013.
- GIANNINI, R. A. Capítulo 5–Ods 5 “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. In: **Os objetivos do Desenvolvimento Sustentável e as Relações Internacionais**. João Pessoa: Editora UFPB, p. 95-116, 2019.
- HANSEN, A. “School-Based Support for GLBT Students: A Review of Three Levels of Research.” **Psychology in the Schools**. v. 44, no. 8, pp. 839-848. 2007.
- HATZENBUEHLER, M. L. et al. The impact of institutional discrimination on psychiatric disorders in lesbian, gay, and bisexual populations: A prospective study. **American Journal of Public Health**, v. 100, n. 3, p. 452-459, 2010.
- JOHNSON, R. B., OXENDINE, S., TAUB, D. J., ROBERTSON, J., Suicide Prevention for LGBT Students. In: **New Directions for Student Services**. San Francisco: Jossey-Bass, 2013.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista (UFMG)** v. 46, p. 201-218, 2007.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria Queer. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições (Unicamp)** v. 19 (2), p. 17-23, 2008.
- LOURO, G. L. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, p. 363-369. 2012.
- MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**. Vol. 129 no. 5, p. 674-97, 2003.
- NEMI NETO, J. Questões de identidade(s) de gênero(s) e orientação sexual: uma abordagem através da Pedagogia Queer. **Revista Espaço Acadêmico (UEM)** v. 14, p. 27, 2015.
- PARE, G., TRUDEL, M.C., JAANA, M., KITSIOU, S. Synthesizing information systems knowledge: A typology of literature. **Information & Management**, 52, 2015.

- RUIZ, M. S. Pedagogia Queer em tempos de “ideologia de gênero” e “kit gay”. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 7, 2021.
- SILVA JR. J. A. Uma explosão de cores no ambiente escolar: apontamentos sobre identidades travestis, transexuais e pedagogia Queer. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, p. 39-55, 2015.
- SOUZA, H. C. A.; JUNQUEIRA, S. R. A.; REIS, T. (org.) **Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTI+**. Coleção Livres & Iguais. Curitiba: IBDSEX. 2020.
- ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. T. Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Travessias**, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.
- ZIMKOVICZ, R. Queerizar o ensino de história? Caminhos de desestabilização a partir das tecnologias de gênero, sexualidade e racialidade como componentes didáticos. In: **IX Seminário de Teoria e Prática de Ensino**: mostra das experiências pedagógicas dos estágios obrigatórios do Setor de Educação da UFPR. Curitiba: UFPR. 2023.